



Instituto de arte contemporânea

Gl. Lajko - 75

Há quase quatro anos, penetrei no mundo das artes plásticas sob a orientação carinhosa, e ao mesmo tempo severa, de Bruno Tausz.

Trabalhando diretamente com o pincel — porque, assim, sinto maior liberdade para me expressar — pinto gente que leva a marca de tudo o que, ao longo do tempo, se armazenou em mim.

E para que isso explodisse em meus quadros, precisei viver 50 anos.

M. Luisa

1970 - ENTROU PARA O C.P.A. COM TAUSZ

1974 - PRÊMIO DE AQUISIÇÃO NO SALÃO DE VERÃO

1974 - COLETIVA NA GALERIA ATELIER

O PRINCÍPIO FEMININO

Hoje, notadamente a mulher ocupa uma posição social destacada. Nas artes, freqüentam, em maior número que os homens, os atelieres de pintura e escolas de arte. Há uma evidente tentativa de emancipação intelectual e uma grande necessidade de denunciar ao mundo suas emoções interiores através da expressão artística. O silêncio de todos esses anos explode, agora, numa ânsia de diálogo com o mundo.

Depois da apresentação de Ayala, nenhum comentário adicional há que ser feito. Entretanto, como orientador de M. Luísa Serra de Castro, ressaltaria o merecimento que, em verdade, cabe, inteiramente, a ela própria, pois, na mesma época em que entrou para o Centro de Pesquisa de Arte, entraram outras pessoas que, recebendo a mesma orientação, ou desistiram ou ainda não atingiram o elan de trabalho e a seriedade que se observa na, ainda pequena, obra de cunho social dessa artista que agora expõe ao público sua visão do mundo.

Bruno Tausz

Diversas e imprevisíveis são as formas pelas quais pode se revelar uma vocação artística. Há os casos dos que nascem esclarecidos sobre o seu destino, outros que carregam anos e anos de obscuridade a respeito desta região privilegiada, para renascer um dia na maturidade de seu tempo humano. Maria Luísa Serra de Castro, que aqui se apresenta individualmente assinando M. Luísa, foi um desses casos de vocação tardiamente revelada. A primeira parte da sua vida foi feliz e realizada. Uma morte cortou a fluência do seu tempo e jogou-a dentro de uma vertigem. O exercício artístico foi então assumido como terapia. Talvez o exercício da arte, em qualquer artista autêntico, seja um processo natural de terapia, uma auto-análise eficaz e instintiva. Quantos escritores terão realizado em seus romances a vileza e a grandeza que não seriam capazes de suportar como seres humanos? M. Luísa, de repente, começou a desenhar, deixou correr na ponta do lápis, da caneta, do pilot, a mágoa dissolvida de seus dias sofridos. Derramou o incêndio interior sob orientação dos professores do Centro de Pesquisa de Arte, conseguindo equacionar este fluxo, no método perfeito e contumaz de um novo tempo de energia e construção vital. Temos aqui, na amostragem desta individual, uma nova mulher e uma nova artista. Uma artista com uma visão crítica muito adequada da decadência humana, na qual o grotesco e o romântico se fundem para um estado inocente de indefesa postura. São prostitutas, são massas circenses, são mulheres/clowns, palhaças pueris, teatralmente situadas em ambientes muito antigos, com boudoirs cheirando a pó de arroz e suor. Protagonistas de um charleston nostálgico, estas figuras historicamente descendem de um Toulouse Lautrec, vagamente se inserem na dissonância altamente criativa da fase negra de Ivan Serpa (em desenhos vistos no ateliê), chegam a realizar uma imagem pessoal e tenaz de documentação de um mundo visto pela disponibilidade de um olhar criativo. Estamos diante de uma artista compulsivamente debruçada sobre a pesquisa e o manejo instrumental. Diferentemente de tantas elegâncias estilísticas, M. Luísa optou por uma criatividade desafiadora, convencionalmente desagradável, produto de um exercício de horário integral diário sobre uma mesa de trabalho, única forma de se materializar validamente uma inspiração artística. Suas gordas, deformadas, supermaquiadas, despidoradamente nuas, ingênuas em suas faces de rouge, estas mulheres libertinas e libérrimas, de meias de renda, em posições vulgares, de repente atenuadas por um véu ou por uma moldura de rosas diáfanas, são criaturas que não esqueceremos. Além do interesse ficcional por suas possíveis horas vividas, fica-nos a síntese de uma filosofia do ver, que adota o anti-belo, para desentranhar o belo, que analisa a forma rara e decomposta, para criar um clima de generoso humanismo. Saudamos com prazer o nascimento desta artista, este novo tempo de uma mulher que teve o valor de atravessar seu mar em chamas, para ainda dizer algo de fecundo e participante aos que estavam aparentemente do outro lado. Digo aparentemente porque no jogo árduo do tempo humano, há os que sabem que estão no incêndio e os que se anestesiaram para suportar o incêndio. E a solução do saber, como do conhecer, é sempre a mais gratificante e redentora.

Walmir Ayala

Q U I N T A 26

S E T E M B R O 1974

21 H O R A S

EM EXPOSIÇÃO: ATÉ 15/10/1974

CENTRO DE PESQUISA DE ARTE

RUA PAUL REDFERN, 48 — IPANEMA
TELEFONE 267-5308